

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA – APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO  
DO CAMPO

NÚBIA KELLY LIMA DE OLIVEIRA

**PRECONCEITO RACIAL: uma análise na Escola Municipal de Ensino  
Fundamental Severino Telécio da Silva (Pedras de Fogo-PB)**

JOÃO PESSOA – PB

2019

NÚBIA KELLY LIMA DE OLIVEIRA

**PRECONCEITO RACIAL: uma análise na Escola Municipal Severino Telécio da Silva (Pedras de Fogo-PB)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia – Aprofundamento em Educação do Campo, para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira

JOÃO PESSOA – PB

2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catálogo e Classificação**

O48p Oliveira, Nubia Kelly Lima de.  
Preconceito Racial : uma análise na Escola Municipal  
Severino Telécio da Silva (Pedras de Fogo-PB) / Nubia  
Kelly Lima de Oliveira. - João Pessoa, 2019.  
38 f. : il.

Orientação: Ana Paula Romão de Souza Ferreira.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Educação do Campo. 2. Preconceito racial. 3.  
Educação etnicorracial. I. Ferreira, Ana Paula Romão de  
Souza. II. Título.

UFPB/BC

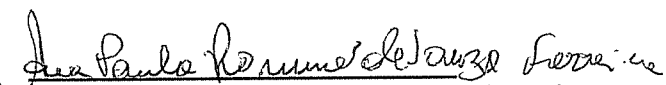
NÚBIA KELLY LIMA DE OLIVEIRA

**PRECONCEITO RACIAL: uma análise na Escola Municipal Severino  
Telécio da Silva (Pedras de Fogo-PB)**

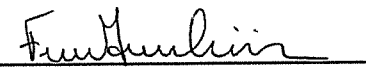
Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, com área de aprofundamento em Educação do Campo, no Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado/a em Pedagogia.

APROVADO EM: 16/05/2019

**BANCA EXAMINADORA**

  
Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira  
(orientadora)

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria do Socorro Xavier Batista  
(Professora Examinadora)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Francisca Alexandre de Lima  
(Professora Examinadora)

DEDICO toda minha trajetória,  
primeiramente a Deus, minha família, meus  
amigos e todos os professores que fizeram  
parte da minha formação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me dado forças para chegar até aqui, me permitido saúde pra que eu realizasse meu sonho tão almejado, e hoje se torna realidade na minha vida.

Aos meus pais Marinaldo Almeida da Silva e Maria José Lima da Silva, pela dedicação, compreensão que tiveram comigo foram meus primeiros incentivadores na área da educação, sinto muito orgulho pela educação que me deram, sempre acreditando em mim, sou eternamente grata a vocês.

Ao meu esposo Artur Lima de Oliveira e o meu filho Artur Lima de Oliveira Filho, por todo apoio e por toda compreensão que tiveram comigo ao longo da minha carreira acadêmica, à vocês toda minha eterna gratidão.

Aos meus irmãos Nilma Karla Lima da Silva e Neudson Karlos Lima da Silva, obrigada pelo incentivo às palavras de apoio nos momentos em que precisei foi fundamental para a realização desse sonho.

À minha orientadora Prof. Dra. Ana Paula Romão pela paciência que teve comigo ao longo da orientação, pelo crescimento profissional e todo carinho durante a minha graduação.

Às amigas que construí ao longo da graduação Joseane Almeida, Luzinete Rodrigues, Luciene Felix e Liliane Rocha, por todo carinho, pela compreensão, companheirismo estando sempre ao meu lado.

Agradeço a todos que contribuíram de uma forma ou de outra para que tudo que eu sonhei se tornasse em realidade, um novo capítulo estou escrevendo a partir de agora.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo principal realizar uma análise sobre o preconceito racial no ambiente escolar de uma instituição do ensino fundamental, na cidade de Pedras de Fogo-PB. Para tanto, a abordagem metodológica foi qualitativa envolvendo aportes bibliográficos e de campo realizada através de coleta de dados. Utilizamos um questionário para a obtenção dos dados e realizamos uma análise descritiva dos mesmos. Os resultados demonstram que o preconceito racial ainda é uma realidade no cotidiano da escola e que as professoras sentem falta de materiais didáticos e de inclusão da temática no Projeto Pedagógico da escola. Além disso, a nossa percepção é de que é necessário haver mais diálogos sobre o preconceito racial na escola ao longo do ano letivo e, não somente, no dia da Consciência Negra.

**Palavras-chave:** Educação do Campo. Preconceito racial. Educação etnicorracial.

## **ABSTRACT**

The main objective of this study is to analyze racial prejudice in the school environment of a primary school in the city of Pedras de Fogo-PB. For this, the methodological approach was qualitative involving bibliographical and field contributions made through data collection. We used a questionnaire to obtain the data and performed a descriptive analysis of the data. The results show that racial prejudice is still a reality in the daily life of the school and that teachers feel the lack of didactic materials and inclusion of the theme in the Pedagogical Project of the school. In addition our perception is that there needs to be more dialogue about racial prejudice in school throughout the school year and not just on Black Consciousness Day.

**Keywords:** Rural Education. Racial prejudice. Ethnic-racial education.

## LISTA DE QUADROS

- QUADRO 1** - Se sim, o que você entende por preconceito racial?
- QUADRO 2** - O Projeto Político Pedagógico contempla aspectos sobre o preconceito racial?
- QUADRO 3** - Em relação à semana da Consciência Negra, de que forma a escola organiza as atividades.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>10</b> |
| <b>2 EDUCAÇÃO DO CAMPO.....</b>   | <b>13</b> |
| 2.1 EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO.....   | 17        |
| 2.2 EDUCAÇÃO ETNICORRACIAL.....   | 20        |
| 2.2.1 Dialogando sobre os conceitos: preconceito racial, discriminação racial, racismo..... | 22        |
| 2.2.3 O preconceito racial no ambiente escolar.....   | 24        |
| <b>3 METODOLOGIA.....</b>   | <b>26</b> |
| <b>4 ANÁLISE DOS DADOS.....</b>   | <b>27</b> |
| 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....   | 27        |
| 4.2 DIÁLOGO COM OS DOCENTES.....  | 29        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>32</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>33</b> |
| APÊNDICE  |           |

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa abordou o tema preconceito racial no ambiente escolar por entendermos que é importante para a sociedade, pois é através da análise que possibilita uma compreensão inicial sobre a real situação em que vivem as pessoas que sofrem o preconceito, e também estratégias de superação do preconceito racial através das práticas docentes.

É inadmissível que ainda exista tanto preconceito com a cor da pele, o cabelo crespo, nariz largo e tantos outros preconceitos existentes. Infelizmente, o preconceito racial é muito presente e atual nas vidas de muitas pessoas, causando a opressão do outro e tirando o direito de ir e vir com dignidade por ser julgada pelas suas características raciais, a pessoa que tem preconceito não olha a sua dignidade, seu caráter, mas sim a sua raça.

É através da educação que podemos possibilitar a reflexão de uma sociedade que seja ao menos reflexiva quanto a ser preconceituosa, uma vez que é dever da escola e de todo o corpo docente trabalhar nas salas de aulas, culminâncias, projetos envolvendo à comunidade. Em que, a população possa ser orientada a essa reflexão. Entendemos que muitos pais ou filhos vão revendo seus comportamentos diante do outro e combatendo o preconceito para que possamos conviver melhor um com o outro, respeitando seu modo de ser, suas crenças, enfim, enxergando o outro sem diferença .

É fundamental que essa pesquisa também ocorra na educação do campo, por entendermos que tanto as pessoas que vivem no campo, quanto as do chamado mundo urbano convivem com um cotidiano de situações conflitantes com o tema do preconceito racial.

Por certo as pessoas que moram no campo, na atualidade, são pessoas informadas, diferente de antigamente que não existia internet, e televisão, em que poucas pessoas tinham o acesso a divulgação em formato de mídias interativas, a exemplo das redes sociais. Então hoje vivemos em uma realidade totalmente diferente, como uma estabilidade melhor para a sua vivência no campo.

Tanto na zona urbana como na zona rural o preconceito existe, sendo ele intencional ou não, e há uma necessidade de termos que lutar pelos que sofrem algum tipo de preconceitos. Na maioria das vezes, acreditamos que somos nós

professores que devemos levar informações que o preconceito é crime, e que a pessoa que é discriminada sofre, e esse sofrimento pode causar grandes transtornos para vida de quem sofre o preconceito.

Segundo uma pesquisa realizada no ano de 2009, pelo INEP, direcionada a um público de 18 mil pessoas entre docentes, estudantes, gestores, pais, mães e responsáveis de estudantes matriculados em 501 escolas públicas de todo o país, os dados sobre os preconceitos na escola foram alarmantes. Segundo Ferreira (2013, p.140): “[...] o estudo revelou que 99,3 % dos entrevistados possuíam algum tipo de preconceito, seja ele, socioeconômico, etnicorracial, com relação a pessoas com necessidades especiais, território, gênero, orientação sexual ou geração”.

Há, portanto, vários tipos de preconceitos precisando ser trabalhados nas escolas. No entanto, o nosso foco está centrado em entender o preconceito racial. Combater o preconceito racial significa viver com dignidade em um país com tantas coisas boas para serem aproveitadas, as pessoas, os lugares, as culturas de diferentes matrizes, por isso a importância de se combater qualquer tipo de preconceito, quer seja ela racial ou cultural, para que haja pessoas que respeitem o direito da outra, pois com muita luta e determinação é possível o combate do preconceito através da educação. É a partir do conhecimento, se a pessoa se sente prejudicada de alguma forma ela possa se assegurar de seus direitos, que por muitas vezes não sabem como agir quando não se tem uma informação precisa.

A motivação desse estudo surgiu quando eu presenciei preconceito racial que alguém fez com uma pessoa da família, então primeiro veio o sentimento de raiva também indignação, por meio da atitude desta pessoa, e comecei a ter conhecimento sobre o assunto, até então não tinha tido nenhuma experiência com nenhum tipo de preconceito, mas com o acontecimento você consegue ver que existe muito mais do que você pensa. Alguns pesquisadores/as, a exemplo de Munanga (2006) demonstrou através de estudos que a grande maioria da população é preconceituosa, devido à educação que não foi devidamente trabalhada desde à infância, por isso à grande importância de ser trabalhada desde cedo nos anos iniciais nas escolas, para crianças irem desconstruindo o que foi aprendido de forma errada em casa, em questões de preconceitos.

A escolha deste tema é muito pertinente para minha pesquisa onde vou ter o aprofundamento do tema, e também para ajudar os que sofrem ou sofreram algum tipo de preconceito.

O processo de educação contra o preconceito é lento, mas o resultado é bastante proveitoso com o decorrer do tempo se for bem feito um projeto relacionado aos preconceitos raciais para serem trabalhados anualmente nas escolas para a conscientização de todos os discentes, os docentes que almeja colher os bons frutos que poderão ser bem sucedidos a partir da prática de conscientizar que é o mais importante.

Nós como educadores temos sempre que bater na tecla, que todos merecem respeito seja ele negro, pardo, amarelo, indígena, branco todos tem por dever respeitar e ser respeitado independente de qualquer que seja a sua cor ou etnia.

Quando indagamos sobre as ações necessárias para o combate ao racismo, torna-se imprescindível pensar no bem estar do outro para que realmente seja satisfatória a pesquisa. Além disso, se faz necessário que o ambiente escolar esteja realmente buscando métodos para o combate do preconceito. Toda criança tem direito de estudar em uma escola que seja assegurada seus direitos, como forma de sentir-se segura, quanto a sua integridade física e emocional, criar um espaço entre todo corpo docente ou no ambiente escolar para a criança se sintam-se à vontade e segura em falar se está sofrendo algum tipo de preconceito racial, e se for evidenciado essa situação, precisa ser assegurada seus direitos.

A política educacional, através da determinação da LDB (9394 de 1996), da Lei 10639 de 2003 e das Diretrizes Curriculares (2014), entre outras orientações busca envolver ações pedagógicas direcionadas a quem sofre e a quem pratica o preconceito etnicorracial no ambiente escolar.

Diante dessa orientação entendemos ser necessário cumprir a obrigatoriedade desses direitos em quaisquer estabelecimentos escolares, quer seja na zona urbana ou na zona rural. Ao buscar analisar as práticas pedagógicas de combate ao racismo, na escola do campo e quais práticas são utilizadas nas salas de aulas para informação do preconceito racial, quais os materiais didáticos utilizados para o aprendizado dos educandos, delimitamos a nossa pesquisa.

Nesse sentido, esta pesquisa procurou responder sobre de que forma a Escola Severino Telécio da Silva (Pedras de Fogo-PB) identifica e combate os preconceitos raciais?

Sendo assim, o nosso objetivo geral buscou identificar os tipos de preconceitos raciais existentes na escola campo. E, como objetivos específicos, observar métodos e práticas de como combater os preconceitos, além disso, procuramos descrever as práticas de combate aos preconceitos estabelecidos na escola.

Esse trabalho está estruturado da seguinte forma: na introdução buscamos esclarecer a motivação do estudo, a delimitação, o problema e os objetivos; No segundo capítulo trouxemos a fundamentação teórica discorrendo sobre a educação do campo e sobre o debate etnicorracial; E, no terceiro capítulo elencamos os aspectos metodológicos e, por fim, a análise dos resultados e a considerações finais.

## 2 EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO

Para que uma educação no campo venha ter uma educação de qualidade os nossos governantes devem olhar para as pessoas do campo com o mesmo olhar das pessoas que vivem na cidade, todos tem o mesmo direito à educação os camponeses, os assentados, sem-terra, e etc.

Os estudantes do campo são esquecidos deixados de lado sem qualquer assistência, professores dentro de uma sala de aula sem sequer uma formação adequada para estar à frente atuando como professor, sem falar na infraestrutura das escolas, salas multisseriadas, a falta das merendas e entre outras precariedades que existem nas escolas do campo, sem contar que muitas escolas sendo fechadas por falta de recursos e também de alunos por migrarem para a cidade.

É preciso desconstruir que a escola no campo é uma escola mal sucedida, e que é preciso sair do campo para estudar na escola da cidade para suprir suas necessidades de educação, e que pode sim ter professores de qualidade, uma estrutura condizente ao que é proposto a educação, basta que seja mudado essa visão retorcida do campo, que é um lugar onde as pessoas não precisem migrarem para a cidade.

Diz Caldart (2002, p.16):

Os povos do campo têm uma raiz cultural própria, um jeito de viver e de trabalhar, distinta do mundo urbano, e que inclui diferentes maneiras de ver e de se relacionar com o tempo, o espaço, o meio ambiente, bem como de viver e de organizar a família, a comunidade, o trabalho e a educação.

O modo de vida das pessoas do campo é relacionado com costumes culturais, para eles é normal produzir o alimento da família e de toda uma comunidade, é uma questão de valorização para eles, a população do campo contribuem diretamente com a vida das pessoas da cidade com a produção de alimentos produzidos no campo vai para a mesa dos que vivem nas cidades, eles vivem de maneira bastante solidária onde um está sempre disposto para ajudar o outro seja no cultivo ou na colheita, estão para contribuir um para com o outro.

De acordo com Caldart (2002, p.19), “Defendemos um projeto de educação integral, preocupado também com as questões de gêneros, de raça, e de respeito as diferentes culturas”.

Para garantir uma educação de qualidade deve-se pensar em abranger todas questões que envolvam tanto a parte física de uma escola mas também que se faça discussões sobre etnias étnico raciais, para uma transformação de um novo olhar envolvendo gêneros raças, para uma cultura com respeito mútuo garantindo assim uma educação de qualidade e com dignidade.

De acordo com Caldart (2002, p. 20): “Muitas transformações a serem feitas na educação em nosso país para que ela se realize como instrumento de participação democrática e de luta pela justiça social pela emancipação humana”.

A mudança da educação vem sendo aos poucos na realidade dos povos que vivem no campo, apesar de serem pequenas , mas muitas dessas pessoas conhecem os seu direitos, ter educação é um direitos de todos que não deve ser negado, em muitas escolas no campo tem a EJA para os jovens e Adultos, é através da educação que as pessoas ribeirinhas, camponeses, quilombolas, etc, tem a real dimensão como lutar pelos seus direitos.

Segundo Caldart (2002, p. 27), “Pensar uma política de educação que se preocupe também com o jeito de educar que é o sujeito deste direito, de modo a construir uma qualidade de educação que forme as pessoas sujeitos de direitos”.

Refletir sobre a educação como sujeitos pensantes, que eles tem seus modos, suas culturas, construir uma educação baseada no respeito havendo diálogo informando sobre seus direitos como cidadãos do campo, construindo valores que muitas vezes foram perdidas, mas que podem ser resgatadas através de uma perspectiva de organização entre a comunidade do campo e a escola.

De acordo com Caldart (2002, p.20) “Reconhecemos os avanços da legislação educacional brasileira, em especial nos espaços abertos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/1996), nas Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas, Diretrizes Operacionais para as escolas do Campo”.

Os movimentos sociais tem responsabilidade com a educação do campo, incluindo também os profissionais da área que luta por uma igualdade social

lutando por uma inclusão, implementando as leis de diretrizes para a formação dos educandos de uma forma igualitária, desenvolvendo práticas sociais por uma educação de qualidade.

Conforme Caldart (2002, p. 26):

Um dos traços fundamentais que vêm desenhando a identidade deste movimento por uma educação do campo é a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam seu direito à educação, e a educação que seja no e do campo. No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas sociais.

A população que vive no campo é constituída de pessoas que sofrem preconceitos, pelos seus modos de viver são consideradas 'gentes ignorantes' e 'atrasadas' e vários outros adjetivos que são postos nas pessoas que vivem no campo. Nesse sentido, se faz necessário uma educação de qualidade que garanta seus direitos, e, também, uma educação voltada para resgatar a alta estima dos que vivem no campo, atendendo suas particularidades, pensando no bem estar de cada cidadão, e trabalhando múltiplos aspectos da educação para melhoria da identidade do povo que vivem do e no campo.

Existe, por vezes, uma resistência das pessoas que são sujeitos do campo, aceitarem que seus direitos são iguais aos de todos, fruto da omissão do poder público em políticas que favoreçam através da informação e ações concretas a partir da educação para que possa ser mudada essa realidade vivida por muitos. O papel do/a professor/a tem a missão de transmitir quais são os seus direitos para tentar mudar o pensamento de muitos que se sentem inferiores as pessoas que moram na cidade.

Segundo Macedo (2010,49):

A escola ainda está em construção, está em aberto, contudo ao longo da história de luta por esta escola, observamos na concepção de Molina, na exposição de Fernandes, no texto das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo que existem pontos consensuais, o de que o processo educativo deve contemplar a história, a cultura, as manifestações de afetividade, crenças do lugar do campo e dos sujeitos que habitam.

A educação do campo abrange vários aspectos, como a cultura, as crença, e é a partir daí que as escolas devem realizar projetos que envolvam não só os

alunos, mas também a comunidade, mostrando que a forma que vivem no campo não tem nada de errado, e que cada um vive do seu jeito e respeitando o espaço de cada cidadão, só realizando palestras informativas para diminuir uma parte do preconceito dos que vivem no campo e os que vivem do campo.

A escola tem o papel de contextualizar temas relevantes como o do combate aos preconceitos seja ele de raça, crença, para promover debates para todos os envolvidos da comunidade, trazendo toda comunidade para escola é mais satisfatório o resultado, que por finalidade combater vários aspectos dos preconceitos já citados.

De acordo com Macedo (2010, p.49):

Todas as escolas produzem um lugar muito rico em interações, propício para formação humana, podendo estar a favor da conservação ou emancipação das características da condição humana. Ao entrar em interação neste lugar chamado escola, as pessoas, as crianças, os jovens do campo trazem para dentro desta instituição, os conhecimentos históricos, linguísticos, cognitivos, conhecimentos dos processos produtivos as relações de afetividade com o lugar com sua história, pelas pessoas, pela terra, pela produção. Embora em suas relações a escola negue este indivíduo e os patrimônios existenciais deste indivíduo, suas características humanas permanecem.

Mediante os conhecimentos prévios dos alunos do campo, eles vêm para escola com toda bagagem trazidas dos seus lares, com suas formas de se expressarem, com modo de transmitir seus sentimentos ao outro, e é a escola que vai ter esse olhar diferenciado para esse tipo de situação, a interação entre professor e aluno é muito interessante para o conhecimento antecipado para realizações de atividades que envolvam toda turma a partir de suas vivências, associando os conhecimentos prévios e a temática pedagógica para melhor compreensão dos alunos correlacionada ao que vem de suas casas para à escola.

Conforme Macedo (2010, p. 50) “Diante desta reflexão cabe alargar o conceito de educação escolar do campo. A expansão não somente do conceito, mas também da experiência, das vivências escolares”.

É um caso a ser pensado com relação da questão de como ser trabalhadas as crianças do campo, com relação a sua linguagem e na escrita, podem surgir

situações em que a criança ela escreve dá forma em que pronuncia as palavras e por hábitos que vem de casa, como por exemplos muitos do campo fala em “riba” em vez de “cima” é o professor que vai ajudar o aluno a entender que a realidade escolar é diferente e que se têm regras no português na escrita.

## **2.1 EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO**

A educação do/no campo surgiu a partir das lutas dos povos de assentamentos os camponeses, quilombolas e dos movimentos MST, a iniciativa para o movimento da educação do/no campo foi a partir da necessidade de lutar por uma política que mobilizassem toda população do campo pra uma visão de construção de uma educação do/no campo, foi a também através da ação dos camponeses.

De acordo com Caldart (2004, p.20) “A educação do campo nasceu colada ao trabalho e à cultura do campo. E não pode perder isso em seu projeto. A leitura dos processos produtivos e dos processos culturais formadores (ou deformadores) dos sujeitos do campo é tarefa fundamental da construção do projeto político pedagógico da Educação do Campo”.

A educação do/no campo veio para dá vida aos camponeses e todos que vivem do/no campo, é a partir da educação que as pessoas do/no campo começam a dar valor o seu trabalho no campo e fazem uma junção da escola com o seu trabalho do/no campo.

Para tanto, é necessário refletir que antes da educação do/no campo as pessoas que viviam na zona rural, principalmente, os jovens tinham vergonha das suas origens, mas com a implantação da educação do/no campo veio à possibilidade da aceitação do lugar onde vivem, e também dos afazeres do campo como o plantar e o colher, o trabalho do/no campo que é motivo de orgulho para muitos, como uma frase muito dita que é: “se o campo não planta a cidade não janta”. E é partir dessa educação que é fundamental para a melhoria dos que vivem do/no campo, com esperança de dias melhores com expectativa de um futuro próximo, com educação vem também à dignidade de um povo

sofrido que muito lutou para conseguir um lugar em que a sociedade vem sendo imposta de preconceitos, mas a valorização dos camponeses vem mudando essa realidade.

Segundo Caldart (2004, p.23)

Não se trata de propor algum modelo pedagógico para as escolas do campo, mas sim de construir coletivamente algumas referências para os processos pedagógicos a serem desenvolvidos pela escola, e que permitam que ela seja obra e identidade dos sujeitos para ajudar a formar, com traços que a identifiquem com o projeto político e pedagógico da Educação do Campo.

As escolas que estão inseridas do/no campo elas merecem uma atenção maior em questão da construção do PPP, tanto o modelo pedagógico, quanto os livros didáticos muitas vezes não condizem com a realidade em que vivem os sujeitos do/no campo. A realidade mostrada nos livros didáticos muitas vezes foge totalmente da realidade vivida do/no campo deveriam rever todas essas questões pensando nas realidades de um povo que viveram e vivem do/no campo, com sua cultura local e as influências recebidas dos povos indígenas, africanos e luso, enquanto um fazer-se formados na diversidade.

O Projeto Político Pedagógico das escolas do/no campo deveria ser construído a partir das vivências dos discentes que estão matriculados nas escolas do/no campo, e também ser inseridos nas escolas urbanas o projeto político pedagógico que tragam identificação para os sujeitos do/no campo, para os alunos que estão regularmente matriculando no ambiente urbano, mas a sua vivência ela é do/no campo, para que esses sujeitos sintam orgulho do seu lugar de origem e acolhidos por terem uma temática que aborde os povos do/no campo.

Segundo Caldart (2012, p.260)

O argumento para mudar o termo Educação Básica do Campo para Educação do Campo aparece nos debates de 2002, realizados no contexto da aprovação do parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 36/2001, relativo às diretrizes operacionais para Educação Básica nas escolas do Campo (Brasil, 2001) e com a marca de ampliação dos movimentos camponeses e sindicais envolvidos nessa luta.

É nada mais justo se essa mudança torna-se realidade. É a partir de muitas lutas camponesas e sindicais para esse feito ser uma realidade na vida

dos que vivem do/no campo, mas enquanto não tem esta mudança para o nome ser escola educação do campo, a luta é para que seja a mesma dada à mesma atenção é dada para as escolas urbanas, ainda existem muitas coisas para serem conquistadas para a melhoria da educação do/no campo.

Pois, todo cidadão/cidadã do/no campo tem direito constituída na Lei (9394/96) Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para uma educação de qualidade, e que os nossos governantes olhem para a população camponesa, que muitas vezes ficam no esquecimento, sem recursos pra uma educação de qualidade, a falta de merendas nas escolas do/no campo é muito recorrente, a falta de assistência de manter uma escola rural bem cuidada para atrair os educandos para escola sabemos que tantos as crianças, adolescentes e adultos querem estudar numa escola que tenham o mínimo de qualidade.

De acordo com Caldart (2012, p. 261).

A realidade que produz a Educação do Campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Ao afirmar lutas por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, e a uma educação que seja no e do campo.

Mesmo que a educação do/no campo não seja uma educação que foi implantada recentemente, mas ainda nos deparamos com pessoas que não saibam do que se trata, e por que à educação é voltada para do/no campo, cabe, portanto, a nós educadores/as esclarecer as dúvidas que vem surgindo ao longo do percurso, que se trata de um direito assistido a educação do/no campo, para pessoas camponesas, quilombolas, ribeirinhas, indígenas e dos movimentos MST que foi um dos pioneiros para a conquista da educação do campo.

Nesse intuito, a formação étnica dos sujeitos do campo merece ser contemplada em estudos que abordem as discussões sobre preconceito racial, uma vez que a diversidade étnica racial é uma característica forte em nossa formação brasileira, e, também, no campesinato, uma vez que essa população descende em sua maioria, direta ou indiretamente, da miscigenação das matrizes indígenas e africanas, por estes povos terem sido excluídas de seus direitos originários, inclusive, e, principalmente do direito a terra.

## 2.2 EDUCAÇÃO ETNICORRACIAL

A educação das relações etnicorraciais é entendida como sendo uma educação que focalize um processo de superação de práticas discriminatórias e deve ser trabalhada desde muito cedo nas escolas sobre a questão da etnia, para atender a legislação vigente como a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, a Lei 9394/96, que foi alterada a partir da Lei 10.639/2003 para a inclusão do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. Pois, a população negra forma uma grande parte da sociedade, e sofre as consequências do preconceito e da discriminação devido aos quase quatrocentos anos de processo escravocrata. Nesse sentido, desde a educação infantil devem-se ensinar as crianças e inseri-las neste contexto de conhecimento dos anos iniciais escolares.

A sociedade estabelece padrões que são molduras sociais. Os padrões como as pessoas devem ser vem desde muito cedo, uma vez que é um conhecimento prévio que os pais passam para os filhos juntamente com o quê a sociedade impõe. Entendemos que deve ser refletido e debatido essa prática para melhor desconstruí como a sociedade reproduz os valores das pessoas, já que tratam as consideradas brancas que passam a ser dadas como pessoas com boas referências e, na maioria das vezes, são pessoas da “elite”.

Dessa forma, é como se a cor fosse prevalecer em tudo que uma pessoa tem de melhor para oferecer, então, estimular a cultura etnicorracial ajuda muito a entender os seus valores como cidadãos para uma sociedade imposta de preconceitos com vários aspectos da etnia.

Conforme Aquino (2013, p.40 - 41):

Incluir afrodescendentes implica também expandir atuais políticas de informação no sentido de serem pensadas considerando as demandas de diferentes grupos e as particularidades de cada contexto, a competência dos conteúdos e das ações para identificar a discriminação racial, propor soluções e ajudar a reduzir os problemas já existentes.

Nesse intuito, incluir os debates nas salas de aula sobre a discriminação ajuda a combater o preconceito existente em meio à comunidade escolar, que muitas vezes se pratica a discriminação racial sem o conhecimento que está cometendo tal ato. Para que haja uma desconstrução dessa “moldura” discriminatória é a partir de conversas, palestras e os debates temáticos no campo racial que a conscientização vai sendo feita, cabe à escola colocar em prática os projetos que retratem a educação etnicorracial, e as escolas que não tem projetos referentes ao assunto que revejam e se conscientizem sobre as práticas educativas não discriminatórias que precisam emergir na educação para as relações etnicorraciais.

Segundo Lima (2013, p. 55):

A educação etnicorracial no contexto atual da educação brasileira, a partir das Leis Federais nº 10.639/2003 e nº 11.645/08 no combate ao preconceito racial, desde a educação infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, surgem em consonância com as mudanças e transformações ocorridas no cenário educativo.

A Lei 11.645 de 2008 acima citada foi referente ao acréscimo da temática indígena na mudança da LDB, no entanto, aqui trabalhamos mais com a expectativa da Lei 10.639/03, uma vez, que esta já conta com Diretrizes Curriculares Nacionais desde o ano de 2004 (BRASIL, 2004).

A perspectiva de mudança em como um enxerga o outro a partir do respeito e igualdade social vem a partir do contexto escolar com uma nova visão didática em que os professores e gestores devem proporcionar aos seus alunos, como forma de humanização entre todos os educandos mostrando os valores de todos que fazem parte da escola sem exceção a nenhum segmento do ambiente escolar.

De acordo com Lima (2013, p. 56) “A educação vista como um processo de (re) criação, inovação, e apropriação da cultura historicamente produzida pelo homem, tem a escola como espaço privilegiado de produção e transformação do saber sistematizado”.

Os novos professores que estão surgindo com novas experiências e uma didática diferenciada desenvolve o aprendizado de cada aluno contribuindo para o

desenvolvimento cultural e social, que é a partir do conhecimento que a construção de valores pode ser resgatada, possibilitando motivação para recuperar alguns alunos que tem problemas com a autoestima com relação à crítica recebida por ter uma etnia fora do padrão eurocêntrico.

### **2.2.1 DIALOGANDO SOBRE OS CONCEITOS: PRECONCEITO RACIAL, DISCRIMINAÇÃO RACIAL, RACISMO.**

O conceito de preconceito racial é uma forma em que um indivíduo queira diminuir o outro, por julgar que uma etnia ou cultura seja insignificante e que não seja capaz de produzir ou tomar a frente de algo que seja destaque, por acreditarem que a cor vá interferir na capacidade ou inteligência de construir determinado benefício. Sabemos que não existe ninguém melhor que o outro, quer seja, por cor ou raça, ou em quaisquer tipos de diferença de fenótipo. Todos têm capacidades de exercer tal função, não é a “cor” que vai dizer se é inteligente, se é capaz ou não.

De acordo com Gomes (2006, p.54).

Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimentos dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro.

É uma forma antecipada que o indivíduo tem do outro, e o preconceito ele vem de maneira desacerbada, pois pode vim como forma de preconceito racial ou sociocultural e até mesmo outros tipos de preconceitos que envolvem o modo de vida de outra pessoa, que não venha ser só o caso de preconceito racial, mas engloba todos os tipos de preconceitos existentes. Cabe às escolas lutar por essa causa para a diminuição de preconceitos, já que vem de fora para dentro, mas pode se intensificar ou, então, ser trabalhada enquanto uma meta de superação do racismo. Pois, é a partir de uma medida educativa que se move uma educação satisfatória para todos os envolvidos.

A discriminação racial é toda e qualquer exclusão causada por parte de outra pessoa, discriminando sua raça, sua origem étnica, cultura ou qualquer área

que seja exposto de forma que venha denigrir a imagem do outro ou rebaixar, de forma ilícita por causa da cor ou raça a discriminação sofrida.

Conforme Gomes (2006, p.56) “A discriminação racial direta seria aquela derivadas de atos concretos de discriminação, em a pessoa discriminada é excluída expressamente em razão de sua cor”.

O sujeito que se sente discriminado, principalmente, nos anos iniciais escolares, pode lhe causar sentimento de raiva, dor, por ainda não saber o porquê acontece rejeição só por ter uma cor de pele negra ou que tenha uma cultura diferente dos da maioria, e o pior que pode acontecer que é que uma criança por não ter a consciência que tal ato sofrido seja uma discriminação racial, seja ela por conta da sua cor ou a sua cultura que possa ser diferente de outros sujeitos.

Segundo Silva (2013, p. 219)

Acreditamos que a Lei nº. 10.639/2003 constitui-se um importante instrumento de combate ao racismo na escola. Ela, se aliada a um conjunto de atividades pedagógicas estrategicamente bem planejadas e desenvolvidas entre as várias áreas do conhecimento, poderá trazer resultados relevantes para a superação desse tipo de violência na sociedade e na educação e, portanto, na escola brasileira.

A população negra é a que mais sofre em todas as classes sociais, e falando em racismo, em todo o lugar muitas pessoas sofrem por ter sido vítimas de racismo, só não devemos e nem podemos fechar nossos olhos para essa questão, pois muitas vidas foram ceifadas, pelo ódio que muitos têm da cor negra, o racimo está impregnado em muitas pessoas.

Nesse sentido, essa questão deve ser tratada urgentemente e ser revista pelo poder público colocando leis, mas severas, e é notório que o negro sempre fica em segunda opção para fazer parte de qualquer colocação, seja em cargo em uma empresa ou qualquer que seja a função, seja ocupando um lugar público ou privado.

De acordo com Silva (2013, p.220) “Esta desatenção tem prejudicado a mobilidade social e educacional de crianças e jovens negros”. Trata-se de um

“Argumento que nos mostra a necessidade da realização de mais pesquisas e ações que contribuam para a reversão deste quadro”.

Deve uma atenção maior para nossas crianças, jovens e adultos que seja da pele negra, pois a maioria tem baixa estima, por muitas das vezes são aceitos, muitos são considerados marginais e outros estereótipos que criam da imagem da pessoa negra. Já que em muitas situações o negro é vítima da sociedade, que por inúmeras vezes não tem oportunidades de empregos para viver dignamente e parte para um caminho que não conduz, com seus sonhos, mas é uma realidade que vivem os negros do nosso país.

### 2.2.3 O preconceito racial no ambiente escolar

No ambiente escolar ainda com todas as palestras e atividades fomentadas e realizadas em relação ao debate sobre o preconceito racial, ainda existe um ou outro que fazem piadas de mau gosto relacionado à pessoa negra, nesse mesmo ambiente. Esses preconceitos por muitas vezes vem de fora para dentro da escola, e é um trabalho lento, mas que não pode parar sempre bater na tecla informando explicando para os discentes que existem leis para punir o agressor, e a agressão não é só física mais na versão psicológica ainda é pior.

De acordo com Araújo (2013, p.198) “Especialmente as nossas escolas públicas abrigam em suas salas de aula crianças e adolescentes oriundos de famílias de diferentes grupos sociais de ordem etnicorracial, regional, religiosa, dentre outros”.

As crianças e adolescentes sofrem preconceitos diariamente, por suas origens e também em questão de religião, muitas vezes são discriminados e excluídos dos grupos da sala de aula. E, isso se complica ainda mais para uma criança e/ou adolescente, pois é difícil de saber contornar a situação, por trás de cada um dessas crianças que sofrem ou sofreram preconceito no ambiente escolar. Muitas delas se tornarem pessoas frágeis podendo levar até há algo mais sério, por alimentar o preconceito sofrido.

Nos últimos tempos quantas tragédias aconteceram dentro das escolas? Essa realidade deve ser tomada uma atitude por de todos os que levam o país a diante, onde estão às propostas para a melhoria da educação, envolvendo todos os tipos de preconceito existentes, vivemos em um país racista, preconceituoso ainda por cima intolerante, cabe cada um nós como cidadãos brasileiros lutarmos para um país justo e igualitário, e, ainda, sabemos que há muito chão a ser percorrido, mas é com perseverança que continuemos em um país livre de preconceitos, pois é inadmissível que em pleno século XXI ainda existam tantas pessoas preconceituosas com tantas campanhas televisivas, tantos meios de comunicação vem debatendo sobre a prática do preconceito.

Segundo Araújo e Dantas (2013, p.199).

Pesquisa feita há alguns anos atrás mostrava que todos os membros da comunidade escolar (incluindo os professores) tem preconceito contra algum grupo social ou algum tipo humano diferente do seu. Isto significa que não basta apenas atuar sobre os estudantes. O combate ao preconceito começa na formação dos profissionais, passa pela gestão escolar e deve perpassar pelo cotidiano da escola até chegar à sala de aula e, a partir destas, atingir a comunidade.

A escola necessita rever muitas questões até mesmo com os funcionários, observar como o professor/a trata seus alunos, se existe tratamento diferenciando com os tipos de classes sociais, sabe que a escola pública ela abrange vários tipos de públicos e o professor não deve fazer acepção de classes sociais. Uma vez que todos tem direito ser bem tratados na escola e sendo respeitados seus direitos e as suas crenças, pois é a partir do respeito mútuo que se transforma uma sociedade preconceituosa.

### 3 METODOLOGIA

O presente trabalho buscou responder sobre de que forma a Escola Campo identifica e combate os preconceitos raciais. Sendo assim, o caminho metodológico, inicialmente, se baseou em realizar um **levantamento bibliográfico** para relacionar os aportes teóricos sobre a discussão etnicorracial e, também, sobre a educação do campo. Para tanto, consultamos e interpretamos algumas **fontes documentais**, a saber: a LDB (9304 de 1996); a Lei 10.639/03, as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo (2002) e as Diretrizes Curriculares da Educação das Relações Etnicorraciais (2014).

Dessa forma, esta pesquisa se constituiu em uma pesquisa do tipo qualitativa e de campo. O nosso **campo de pesquisa** foi a Escola Municipal Severino Telício da Silva. Concordamos com Minayo (2009, p. 53):

A pesquisa qualitativa concebe o campo de pesquisa enquanto um recorte que o pesquisador faz em termos de espaços, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação.

Os **procedimentos de coleta de dados** foram o questionário contendo duas partes. Uma sobre o perfil dos respondentes e outra focalizada nas questões raciais. Os nossos **sujeitos** foram três docentes da referida escola. Outrossim, a nossa análise procedeu a uma pesquisa descritiva. Tivemos acesso direto às fontes, uma vez que trabalho nessa escola, portanto, a estratégia de coletar os dados foi possibilitada em tempo hábil. As entrevistadas são colegas de trabalho sendo que trabalhamos em horários diferentes, o questionário foi aplicado para elas com a intenção de ver como elas enxergam o preconceito racial e como elas colocam em prática as atividades escolares abordando o tema preconceito racial.

## 4 ANÁLISES DOS DADOS

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Municipal Severino Telécio da Silva, fica localizada na Zona Rural município de Pedras de Fogo – PB no endereço: Sítio Bela Rosa, Pedras de Fogo-PB. A referida escola foi fundada em 1984, na gestão do Sr. Luiz Francisco de Vasconcelos.

O terreno foi doado pelo senhor Severino Telécio da Silva, proprietário da terra ao então prefeito na época senhor Ronaldo Ribeiro da Costa no final do seu mandato. Logo após, o doador veio a falecer, sendo homenageado como patrono da escola.

A escola é composta por 3 salas de aulas, 3 banheiros sendo que um deles é adaptado para deficientes físicos, 1 sala dos professores, 1 sala da direção, 1 almoxarifado, 1 cantina de alimentação, 1 pátio.

Sobre o funcionamento da Escola, atualmente, a escola funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno. Atende um total de 64 alunos regularmente matriculados nas modalidades de ensino de Educação Infantil, Fundamental I, Funciona à noite EJA. Vejamos alguns dos Programas em que a escola contemplada, segundo o PPP da mesma:

#### **Programas em que a escola está inserida<sup>1</sup>:**

|  |
|--|
| PNDE (Programa Dinheiro Direto na Escola);     |
| PDE INTERATIVO;                                |
| PNLD (Programa Nacional do Livro Didático);    |
| PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola); |
| TV ESCOLA;                                     |
| GESTÃO NOTA 10 (Instituto Ayrton Sena);        |

<sup>1</sup> Fonte: PPP da Escola Municipal Severino Telécio da Silva, 2019.

|  |
|--|
| COORPERJOVEM;  |
| PSF (Programa Saúde na Escola);                              |
| COM-VIDA (Comissão de meio Ambiente pela qualidade de vida); |
| GESTÃO MUNICIPAL.  |

Observamos, então, que a escola possui inúmeras parcerias, mas há uma necessidade de haver a contemplação de parcerias institucionais para ações voltadas para a Educação do Campo e para a Educação das relações Etnicorraciais, a exemplo de parcerias com as universidades através de projetos específicos.

### **O Perfil dos Docentes**

Os nossos docentes e gestão, possuem Licenciatura Plena em Pedagogia, Licenciatura Plena com Habilitação em Matemática, Licenciatura em Português, Formação de Gestores, Língua Estrangeira e Artes Ciências e são em sua maior parte Especialistas em Psicologia Escolar e da Aprendizagem, Especialistas em Ciências ambientais, Especialistas em Psicopedagogia.

Os docentes participam de cursos de Formação Continuada: PROFA, PROLETRAMENTO, FORMAÇÃO PELA ESCOLA, dentre outros oferecidos pelo MEC, buscando mais condições para o exercício pleno do seu ofício, que é promover aprendizagem de seus alunos.

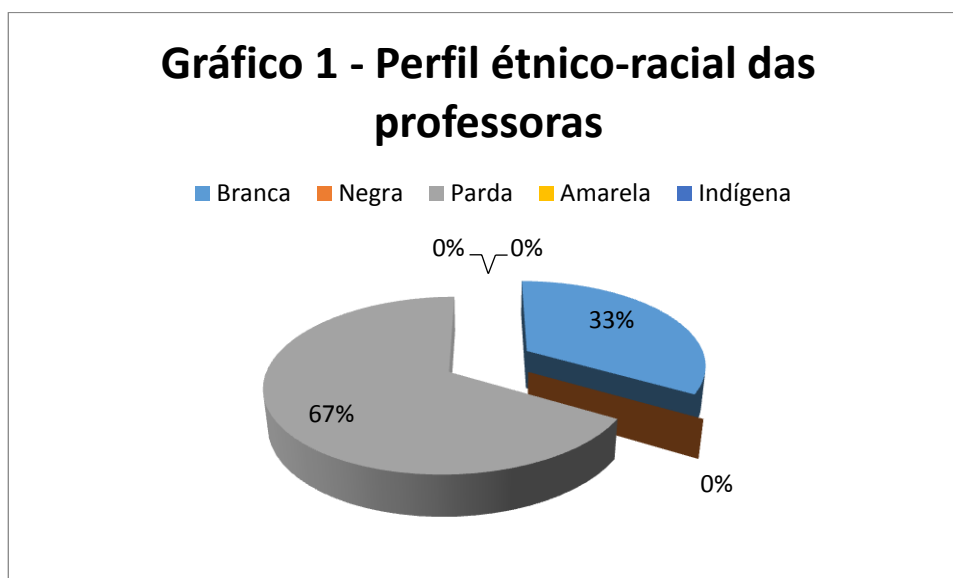
### **Condições Ambientais**

A escola conta com arborização como plantas ornamentais, árvores frutíferas, os pisos favorecem a limpeza, as tomadas e instalações elétricas oferecem segurança, água é clorada e filtrada, há coleta de lixo quinzenal, as janelas favorecem ventilação e iluminação natural.

Nesse intuito, a escola oferece uma boa estrutura, que apesar de ter suas dificuldades, característica da maioria das escolas públicas proporciona um ambiente agradável para realizar projetos.

## 4.2 DIÁLOGOS COM OS DOCENTES SOBRE PRECONCEITO RACIAL

O perfil das três professoras entrevistadas condiz com a seguinte realidade: 100% (cem por cento) do sexo feminino; 100 % (cem por cento) de origem geográfica rural/camponesa e 100% (cem por cento) possui curso superior completo, sendo duas graduadas em Pedagogia e uma psicopedagoga com especialização. E quanto ao perfil etnicorracial está demonstrado no gráfico 1:



**Fonte: Dados coletados pela pesquisadora em abril de 2019.**

Como podemos observar a maioria 67% (sessenta e sete por cento) auto declarou-se parda e 33% (trinta e três por cento) declarou-se branca. É importante destacar que para o IBGE a classificação “parda” também faz parte da categoria “afro-brasileira”, o que coaduna com os dados nacionais a prevalência de que a maioria possui raízes africanas.

Sobre a questão **“Em sua formação você estudou sobre os conteúdos de Educação etnicorracial?”** a resposta foi 100% (cem por cento) que “sim”. Sendo assim, compreendemos que estas professoras já tiveram acesso ao conteúdo porque devem ter tido em sua formação inicial o contato com alguma

disciplina que trabalhasse a temática, já que a Lei 10.639 de 2003 possui 16 anos de vigência ou então porque elas tiveram acesso a alguma formação continuada.

Ao indagarmos sobre “**Se sim, o que você entende por PRECONCEITO RACIAL?**” O quadro 1 sistematiza as respostas:

| <b>QUADRO 1 – O QUE VOCÊ ENTENDE POR PRECONCEITO RACIAL</b> |  |
|---|--|
| <b>PROFESSORA A</b>   | “O preconceito racial é uma expressão que discrimina um sujeito por cor, etnia, raça, religião, classes sociais e também à cultura”.                                 |
| <b>PROFESSORA B</b>   | “É toda e qualquer forma de expressão que discrimina etnia ou cultura e religião e classes sociais”.   |
| <b>PROFESSORA C</b>   | “Entendo que preconceito racial é o que vivemos todos os dias no Brasil, as pessoas discriminam, cor, religião, até classes sociais, e a cultura é a mais marcante”. |

**Fonte: Dados coletados pela pesquisadora em abril de 2019.**

Compreendemos que nos comentários das docentes A B e C todas são unânimes em dizer que entendem sim por preconceito racial, e que elas reconhecem que preconceito racial abrangem cor, religião, cultura e classes sociais.

| <b>QUADRO 2 – O Projeto Político Pedagógico contempla aspectos sobre O PRECONCEITO RACIAL</b> |  |
|---|--|
| <b>PROFESSORA A</b>   | “Não, porém como educadora procuro abordar o tema em sala de aula através de trabalhos direcionados ao tema preconceito racial”. |
| <b>PROFESSORA B</b>   | “Não, mais trabalhamos sequências didáticas direcionadas ao assunto”.  |
| <b>PROFESSORA C</b>   | “Não, trabalhamos à didática sobre o assunto preconceito racial”.  |

|  |  |
|--|--|
|  |  |
|--|--|

**Fonte: Dados coletados pela pesquisadora em abril de 2019.**

Os comentários das docentes A B e C, nos refletem o quanto ainda é frágil os aspectos do Projeto Político Pedagógico, por não contemplar um tema que é de extrema importância para combater o preconceito racial. As docentes afirmam que trabalham o tema Preconceito racial através de sequências didáticas direcionadas ao assunto.

| <b>QUADRO 3 – Em relação à Semana da Consciência Negra, de que forma a escola organiza as atividades.</b> |  |
|---|--|
| <b>PROFESSORA A</b>   | “Através de palestra e aplicação de atividades e leituras que abordam o tema ‘Consciência Negra’”.                           |
| <b>PROFESSORA B</b>   | “Com sequência didática, palestra, leituras e explicações que envolvam a ‘Consciência Negra’”.                               |
| <b>PROFESSORA C</b>   | “Com palestra, atividades coletivas, apresentações de vídeo, leituras informativas através da temática ‘Consciência Negra’”. |

**Fonte: Idem.**

Observemos que nos comentários das docentes A B e C, referente à semana da Consciência Negra a escola organiza as atividades envolvendo palestras, apresentações e as docentes trabalham nas suas respectivas salas atividades e leituras informativas sobre a temática.

Assim, podemos afirmar que existe uma prática docente voltada para as relações etnicorraciais de forma curricular.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada possibilitou uma análise sobre a problemática do preconceito racial na escola. Para tanto, alguns resultados nos oferecem novas reflexões acerca desse estudo.

Sobre os objetivos terem sido alcançados salientamos que o nosso objetivo geral buscou identificar os tipos de preconceitos raciais existentes na escola campo. E entendemos que conseguimos alcançar, parcialmente, essa finalidade, por entender que esta pesquisa teve pouco tempo para realizar um estudo mais profundo.

Todos os respondentes já conheciam o tema da educação das relações etnicorraciais, ainda assim contribuíram para localizar alguns desafios para se trabalhar esse tema na escola.

É necessário apontar também que os educandos devem dá mais ênfase ao tema preconceito racial para que se consigam resultados satisfatórios sobre o combate abrangendo todos os tipos de preconceitos existentes.

Visto que diante a pesquisas realizada não nos restam dúvidas sobre a importância da inclusão do tema Preconceito racial, seja implementado no Projeto Político Pedagógico, para compreensão dos discentes sobre a importância de ser trabalhado Preconceito Racial, e não somente na semana da Consciência Negra, mas para que promovam um estudo que envolva todo o ano letivo, e que não fiquem só apenas em uma semana que é o caso atual.

Portanto, após essa reflexão sobre a pesquisa acredita-se que esse estudo merece ser continuado, com outros graus de aprofundamento, pois se percebe que ficaram algumas questões que não foram conclusivas, mas que surgem espaços para novas inquietações. Compreendemos que dessa forma a pesquisa foi atingida parcialmente, para a continuação do estudo.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, W. H.; FERREIRA, A. P. R. de S.; LIMA, N. M. **Afroeducação**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2013.

AQUINO, Mirian Albuquerque. **Responsabilidade étnico-social das universidades públicas e educação pública da população negra**. In.: \_\_\_\_\_ . João Pessoa: ed. UFPB, 2011.

BRASIL. **Lei nº 9394/96, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)> Acesso em: 03/04/2019.

BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CALDART, Roseli Salete. **Por uma Educação do campo**. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. (Coleção Por uma Educação do Campo, n. 5).

CALDART, Roseli S.; PEREIRA, Isabel B.; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FERREIRA, A.P.R. de S. A Pedagogia das Diversidades Culturais: inquietudes acadêmicas na/da produção científica. In.: ARAGÃO, W. H.; FERREIRA, A. P. R. de S.; LIMA, N. M (Orgs.). **Afroeducação**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2013.


GOMES, Nilma Lino. "Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão" In.: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03** – Brasília: Ministério da Educação, SECAD, 2005. p. 39-64. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001432/143283por.pdf>.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. **Educação do campo: Identidade e Políticas Públicas**. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. 133 p. (Coleção Por uma Educação do Campo, n. 4).

MACEDO, GERALDA; CARVALHO, Maria Elizete Guimarães (Org.). **Educação Escolar do Campo e Direitos Humanos**. João Pessoa: Universitária, 2010.  
MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

## APÊNDICE - Questionário

|   |   |
|---|---|
|  | <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB<br/>CENTRO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I</p> <p>CURSO DE PEDAGOGIA<br/>ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO</p> |
|---|---|

### QUESTIONÁRIO

Caro **professor/a**, este instrumento faz parte de um processo de pesquisa e tem como objetivo coletar dados e realizar análise das informações, visando contribuir para construção do nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Desde já, agradecemos a sua colaboração. Salientamos, ainda, que as informações aqui prestadas não serão reveladas para outro fim, que não seja, o da pesquisa científica e que o seu nome não será revelado, conforma a norma ética 136, da legislação vigente do Conselho de Ética, de nossa instituição.

#### 1ª PARTE – PERFIL DO PROFESSOR/A

##### GÊNERO

Sexo ( ) Masculino ( ) Feminino

##### PROCEDÊNCIA GEOGRÁFICA

Origem ( ) Urbana ( ) Rural/Camponesa

##### RAÇA/ETNIA

( ) Branca ( ) Negra ( ) Parda ( ) Amarela (asiática) ( ) Indígena

##### FAIXA ETÁRIA

( ) Menos de 20 anos ( ) Entre 31 e 40 anos

( ) Entre 20 e 30 anos ( ) Entre 41 e 55 anos

( ) Mais de 55 anos

##### QUAL A SUA FORMAÇÃO ESCOLAR?

( ) Médio incompleto ( ) Superior completo com especialização.

( ) Médio completo ( ) Superior completo com mestrado.

( ) Superior em andamento ( ) Superior completo com doutorado.

( ) Superior completo ( ) Outro

**ESTÁ-SE CURSANDO OU JÁ CONCLUIU UM CURSO SUPERIOR.  
RESPONDA:**

**QUAL (IS) CURSO(S) TERMINOU OU ESTÁ TERMINANDO\_\_\_\_\_**

**2ª Parte - QUESTÕES SOBRE A PESQUISA:**

**1. Em sua formação você estudou sobre os conteúdos de Educação  
eticorracial?**

Sim  Não

**2. Se sim, o que você entende por PRECONCEITO RACIAL?**

---

---

---

**3. A escola conta com projetos de valorização da identidade negra?**

SIM  NÃO

**4. Se sim, quais?**

---

---

---

**5. O Projeto Político Pedagógico contempla aspectos sobre O  
PRECONCEITO RACIAL?**

---

---

---

---

**6. Os conteúdos dos livros didáticos ajudam no combate ao racismo?**

SIM  NÃO

**7. Em relação à Semana da Consciência Negra, de que forma a escola  
organiza as atividades:**

---

---

---

---

### Termo de Consentimento Informado

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_, concordo em participar da pesquisa intitulada **PRECONCEITO RACIAL: uma análise na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Telécio da Silva (Pedras de Fogo-PB)**, parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna de Pedagogia/Educação do Campo, Núbia Kelly Lima de Oliveira. Como depoente, autorizo o uso dos dados do questionário escrito.

---

Assinatura do (a) participante